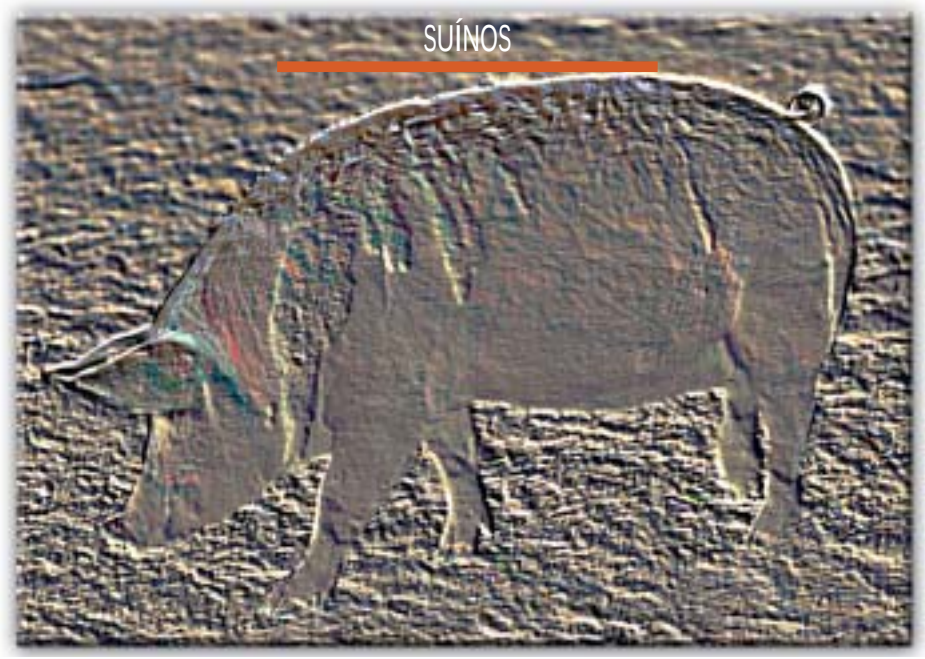


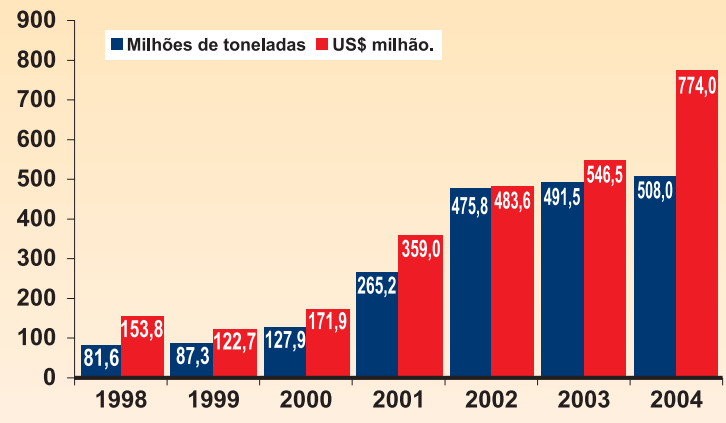
Expectativa de bons preços

FERNANDO ANTONIO PEREIRA

É certo que não há possibilidade de uma elevação substancial da produção de suínos em 2005, que seja capaz de gerar um crescimento da oferta a ponto de causar grande impacto nos preços. A recuperação dos plantéis de reprodução durante o ano de 2004, após a drástica redução experimentada em 2002 e 2003, além de modesta, somente teve início no terceiro trimestre de 2004, o que resulta em produção de suínos para abate somente a partir do segundo semestre de 2005. Outro importante fator associado à oferta, o peso ao abate, não se vislumbra espaço para aumento relevante, pois, nas principais regiões produtoras, o peso médio ao abate já voltou ao normal, salvo algumas exceções que configuram casos localizados.

A produção em 2005 deverá ficar cerca de 3,5% acima da verificada em 2004, aquém do pico de produção ocorrido em 2002 e 2003. Tomar as produções de 2002 e 2003 como tetos perigosos de oferta constitui um equívoco. Isso porque a forte crise do setor, desencadeada no início de 2002 e que perdurou até o terceiro trimestre de 2003, teve como causa principal a elevação brutal no custo de produção, e não uma derrocada de preços decorrente de super oferta.

Brasil: exportação de suínos



Fonte: SECEX

Por sua vez, o cenário de custo também dá mostras de um ano sem transtornos para o suinocultor. A safra nacional de verão avança e promete uma produção recorde de grãos, enquanto no mercado internacional ocorre uma expressiva queda do preço do milho e da soja. É grande a possibilidade de o suinocultor trabalhar com custo médio da ração abaixo da média de 2004, principalmente, durante o primeiro semestre de 2005 pois, nesse período de 2004, ocorreu importante pressão de custo, devido à elevação do preço da soja.

No milho, há que se destacar a contribuição da sua segunda safra, que já ultrapassa um quarto da produção total. Como praticamente todo o ciclo ainda está por ser feito, é prematuro fazer qualquer projeção razoavelmente segura. A intenção de plantio, a tecnologia utilizada e o clima provocam grandes variações na produção, e, na eventualidade de uma conjugação de alguns destes fatores, no sentido desfavorável, poderá causar quebra na colheita e desencadear alguma pressão de custo, no segundo semestre.

Vale lembrar que a ração é o principal componente do custo da criação, chegando no Brasil a responder por aproximadamente 80% do custo total de produção, excluindo-se custos financeiros.

Do ponto de vista do consumo, o que se vislumbra é uma predominância de fatores favoráveis no mercado interno. No mercado externo, a Associação Brasileira da Indústria Produtora e Exportadora de Carne Suína (ABIPECS), trabalha com a possibilidade de algum aumento nas exportações em relação ao excelente desempenho de 2004.

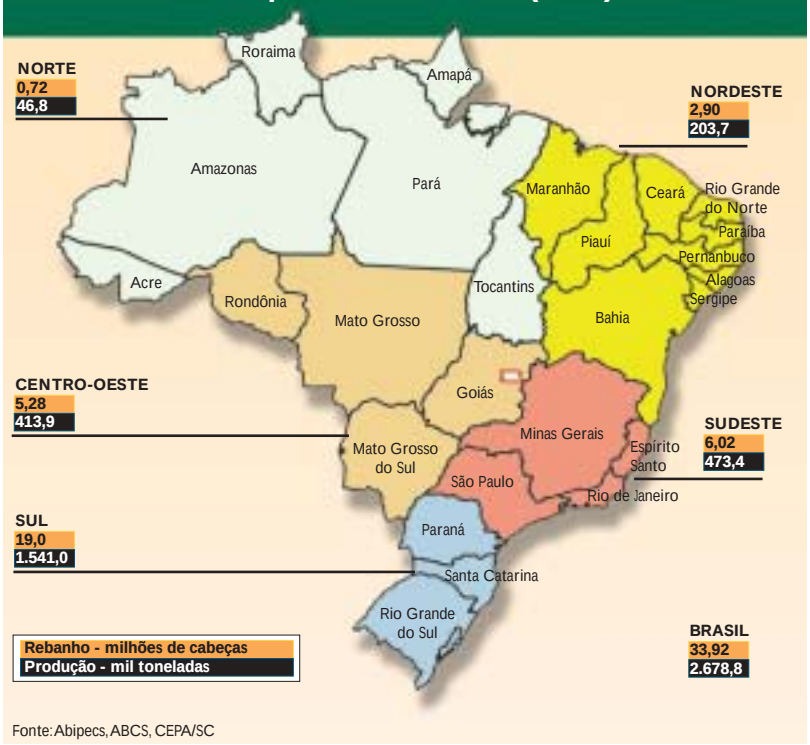
O principal fator determinante do consumo interno é o poder aquisitivo. As projeções gerais indicam um crescimento do PIB e do nível de empregos, o que agregaria maior massa salarial, principalmente para as classes sociais de menor renda. Essas previsões, se confirmadas, darão boa sustentabilidade para a demanda de produtos primários de alimentação, dentre os quais, se insere a carne suína.

Existem dois pontos de grande vulnerabilidade, capazes de causar grande impacto no preço e na oferta internos. Um deles é a concentração, ainda muito grande, das exportações para a Rússia, em que o Brasil não foi contemplado com cotas específicas para 2005, ao contrário da União Européia e dos Estados Unidos. O outro é a existência de regiões brasileiras (no caso do Norte e do Nordeste), sem o *status* de regiões livres de aftosa e peste suína, com ou sem vacinação. Devido às sérias medidas de caráter preventivo que foram tomadas, o risco do surto de enfermidades baixou bastante.

O cenário promissor para 2005 cria as condições para uma expansão mais expressiva da produção em 2006. Se não existe indicação sobre a conveniência ou não de um produtor ou de uma agroindústria expandir seus plantéis, é possível recomendar, com um bom grau de segurança, que qualquer decisão de expansão seja tomada somente se isso for parte de uma estratégia de crescimento fundamentada em fatores de competitividade individual. A expansão puramente decorrente de euforia pelo bom momento da atividade certamente deve ser evitada, pois a suinocultura, como qualquer outro negócio, tem seus ciclos de expansão após um período de lucros favoráveis, e quando isto ocorre, advém quase sempre um período de margens ruins que acabam trazendo a produção novamente para níveis compatíveis com os de demanda, já existentes. ■

FERNANDO ANTONIO PEREIRA *é diretor superintendente da Agroceres PIC.*

O mapa da suinocultura (2004)



Fonte: Abipecs, ABCS, CEPA/SC

Brasil: exportação de carne suína

Ano	Rússia(1)	Total (2)	(1)/(2) %
2001	23,2	265,2	8,75
2002	151,8	475,8	31,90
2003	313,9	491,5	63,87
2004	288,0	508,0	56,69

Fonte: SECEX - Mil toneladas

Rússia suspende embargo à carne brasileira

O governo da Rússia anunciou no início de março a suspensão do embargo à compra de carnes bovina e suína dos Estados do Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Goiás e Minas Gerais.

O embargo teve início em setembro de 2004, após a ocorrência de um foco de febre aftosa em Careiro do Várzea, no Amazonas.

A Rússia foi, no ano passado, o maior cliente da carne brasileira. As importações alcançaram US$867 milhões, o equivalente a 14% do total, segundo cálculos do MAPA. As exportações de carne bovina in natura somaram US$239 milhões; as de carne suína, US$441 milhões; e as de carne de frango in natura, US$159 milhões.